

EDUCAÇÃO, PESQUISA PARTICIPANTE E SAÚDE: AS IDEIAS DE CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

EDUCATION, PARTICIPATORY RESEARCH, AND HEALTH: THE IDEAS OF CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

EDUCACIÓN, INVESTIGACIÓN PARTICIPANTE Y SALUD: LAS IDEAS DE CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

Aline Almeida da Silva¹Kátia Reis de Souza²

Resumo Este artigo tem como objetivo analisar as obras do autor brasileiro Carlos Rodrigues Brandão relacionadas ao campo da educação e da pesquisa participante, destacando os seus pressupostos teóricos e estabelecendo relações com o campo da saúde. Realizamos uma investigação de caráter qualitativo e de tipo exploratório-descritivo, adotando a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. 'Educação' foi a categoria teórica principal. Ademais, obtivemos as seguintes categorias empíricas advindas das análises textuais: 'educações'; 'sempre aprendemos uns com os outros'; 'uma antropologia participante'; 'liberdade, autonomia e esperança'; 'pesquisa participante'; 'diálogo: (re)construção do conhecimento ou construção de saberes'; 'pesquisa, conhecimento e tempo'; 'o sentido da palavra: direito de pronunciar o sentido do mundo'. Verificamos importantes fundamentos de uma concepção crítica de educação que podem contribuir como base para práticas democráticas de saúde, como, por exemplo, a ideia de 'diálogo' como pedra angular pedagógica, que possibilita processos de interação de sujeitos e a construção social do conhecimento.

Palavras-chave Carlos Rodrigues Brandão; educação e antropologia; educação e saúde; pesquisa participante.

Abstract This article aims to analyze the work of Brazilian author Carlos Rodrigues Brandão as related to the field of education and participatory research, highlighting his theoretical assumptions and establishing relationships with the field of healthcare. We conducted a qualitative, exploratory-descriptive investigation, using literature research as a methodological procedure. 'Education' was the main theoretical category. Additionally, we obtained the following empirical categories arising from textual analysis: 'Educations'; 'always learn from each other'; 'a participatory anthropology'; 'freedom, autonomy, and hope'; 'participatory research'; 'dialog: (Re)construction of knowledge or construction of knowledge'; 'research, knowledge, and time'; 'The sense of the word: the right to pronounce the meaning of the world.' We checked important foundations of a critical conception of education that can contribute as a basis for democratic health practices, such as the idea of 'dialog' as a pedagogical cornerstone that enables interaction processes among individuals and the social construction of knowledge.

Keywords Carlos Rodrigues Brandão; education and anthropology; education and health; participatory research.

Introdução

Neste artigo, tratamos de uma linhagem crítica de educação que possui uma longa e rica história de experiências participativa e democrática em profunda ligação com os problemas do povo brasileiro e do latino-americano. Referimo-nos à vertente da educação popular que se pauta nos métodos de investigação participativa. Pretendemos refletir sobre as suas bases teóricas para chegarmos a uma abordagem educativa comprometida com a transformação da realidade e, para isso, elegemos as obras e o pensamento de um autor brasileiro que trabalha na interface da educação, da educação popular e da antropologia. Trata-se de um pesquisador que atuou – e atua – como militante e pioneiro, na prática e na teoria, da pesquisa participante e da educação popular no Brasil: Carlos Rodrigues Brandão.

Brandão filia-se à linhagem de pensamento no campo da educação, em conjunto com Paulo Freire, que tem como um de seus pressupostos principais a ideia de que as mudanças na realidade se constroem por meio do saber da ciência em interação com outras esferas de conhecimento. Trata-se, pois, da aprendizagem por meio da experiência e da convivência com o outro, gerando saberes diversos capazes de comportar as várias demandas de indivíduos e grupos.

A justificativa pela escolha das obras de Carlos Rodrigues Brandão para realizarmos o diálogo entre os campos da educação e da saúde deve-se, principalmente, à sua perspectiva ampla de mundo, dos sujeitos e das diversas relações, contribuindo para a reflexão de práticas pedagógicas em saúde que promovem valores como partilha e autonomia. Certamente, nessa perspectiva, saúde e educação são vistas como um eixo indissociável. Diante disso, temos como objetivo neste artigo: conhecer a concepção de educação de Carlos Rodrigues Brandão e analisar os fundamentos que são apresentados nas suas obras, estabelecendo relações com o campo da saúde. O que nos interessou mais foi verificar os sentidos que a educação, na perspectiva de um antropólogo, escritor e educador, assume em seus textos acadêmicos.

Ainda sobre o autor, constatamos que, apesar de ser conhecido no meio acadêmico, são raros estudos que se debruçam sobre suas obras. Não obstante, consideramos seus escritos atuais e relevantes, facultando sentidos para a reflexão a respeito de problemas contemporâneos.

Assim, estruturamos este artigo em quatro seções: introdução; metodologia: nela apresentamos as obras selecionadas do autor procedentes da pesquisa bibliográfica, bem como o levantamento e a relação de outros autores que ‘dialogam’ com Brandão; ‘Resultados e discussão’: optamos por estruturá-la em categorias de análise, nas quais selecionamos e analisamos

as ideias do autor que mais sobressaíram em suas obras e que foram eleitas como de maior relevância para a pesquisa; e as considerações finais.

Metodologia: rigor e clareza na pesquisa bibliográfica

Realizamos³ uma investigação de caráter qualitativo e de tipo exploratório-descritivo, adotando a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. Segundo Lima e Miotto (2007), a pesquisa bibliográfica firma-se como um importante procedimento metodológico na produção de dados científicos capaz de contribuir, especialmente, com temas pouco explorados. De acordo com Salvador (1986), como estudo teórico, a pesquisa bibliográfica empreende-se pela análise de documentos escritos, fontes originais e primárias e orienta-se pela reflexão pessoal e por uma sequência ordenada de procedimentos.

Cabem-nos, agora, algumas observações a respeito das diferenças entre pesquisa bibliográfica e revisão de literatura, pois, segundo Lima e Miotto (2007), não é raro que a pesquisa bibliográfica apareça caracterizada como revisão de literatura ou revisão bibliográfica. Assim acontece porque falta compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que por isso não pode ser aleatório, sem regras. Certamente, exige-se rigor na análise e na clareza quanto ao percurso construído, sendo fundamental: a delimitação do universo, a seleção do material e o detalhamento das fontes. Ademais, a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em numerosas publicações.

Um procedimento essencial à pesquisa bibliográfica, que corresponde a uma etapa posterior à delimitação do universo e à seleção do material, é a construção de nosso *corpus* de pesquisa (Bauer e Aarts, 2008). Assim, usamos como procedimento de seleção e construção de nosso *corpus* de investigação livros e artigos (de periódicos) de notoriedade e circulação no campo da educação e da saúde que adotamos como 'unidade de leitura' (Severino, 1996) de nossa investigação.

Outra importante peculiaridade do processo de pesquisa bibliográfica diz respeito à leitura qualitativa dos textos selecionados. Nesse caso, ler significa conhecer, interpretar, decifrar, distinguir os elementos mais importantes dos secundários, optando pelos mais representativos e sugestivos. Note-se que em toda unidade de leitura há sempre conceitos básicos e termos que são fundamentais para a compreensão dos textos (Severino, 1996).

Assim, diante da extensão e da profundidade dos textos, o próprio Brandão afirma que no processo de pesquisa de base qualitativa é preciso escolher: “Dentre todas, em meio a tantas, optar por algumas passagens mais fortes, mais marcantes, mais poderosamente descritivas” (Brandão, 2003, p. 142). Desse modo, passamos à etapa de análise dos textos selecionados.

Procedimentos de pesquisa

Tomamos como base de pesquisa a listagem de publicações de livros e capítulos de livros informada pelo próprio autor na base do sistema de currículos Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Ministério da Ciência, Tecnologia e Informação (CNPq/MCTI) (Brasil, 2011). Optamos por selecionar livros cujos títulos apresentassem as palavras: ‘educação’ ou ‘educador’ ou ‘pesquisa participante’, tendo em vista o objetivo principal do artigo. Dos 75 livros informados pelo autor, 15 apresentam as palavras-chave mencionadas. Destes 15, selecionamos, no final, nove títulos, aqueles de fácil acesso nas bibliotecas (reais e eletrônicas), notadamente no âmbito das coleções de saúde coletiva.

Resumidamente, adotamos o seguinte percurso de pesquisa: leituras repetidas dos textos selecionados para uma visão geral das obras; apreensão das particularidades dos textos para definição dos temas centrais e elaboração da redação e estrutura de análise por temas. Desse modo, selecionamos os seguintes textos do autor que são nossa fonte primária de estudo: Brandão (1981, 1982, 1984, 1985, 1987, 2003, 2006), Brandão e Streck (2006), Brandão e Assumpção (2009).

Convém lembrar que adotamos, além dos textos escolhidos do próprio Brandão, fontes secundárias. Optamos por publicações de outros autores que são também do campo da educação, da saúde ou de modalidades de pesquisa participante filiados à mesma linhagem filosófica do autor em tela, sendo eles: Freire (1985, 1988, 1996, 2001, 2006), Stotz (2001), Thiollent (2006), Vasconcelos (1998, 2001) e Valla (2000). A intenção é realizar um diálogo das ideias de Brandão com Paulo Freire e com autores do campo atual da educação popular em saúde.

Em uma das obras de Brandão (2003), encontramos uma passagem, um questionamento, que expressa a nossa preocupação e responsabilidade em descrever e analisar, com desvelo, o seu pensamento: “Como colocar no papel a dramaticidade sem que a passagem do vivido-anotado-pensado-por-mim-para-mim para o escrito-por-mim-para-vocês-como-um-texto-científico, não perca a realidade processual, viva e dramática do que li?” (Brandão, 2003, p. 96). Brandão (2003) tinha a preocupação de que a ‘objetividade’ da ciência transformasse aquilo que é vivo e repleto de sentidos, como as experiências sociais e simbólicas da vida, em texto inanimado devido a uma

interpretação empobrecida do investigador. Inquietação esta que, agora, compartilhamos ao interpretar os seus textos.

Procedimento de análise dos textos

Adotamos como procedimento de tratamento dos textos a interpretação qualitativa das ideias (Gill, 2008; Minayo, 1994) do autor a respeito de uma concepção (ou várias concepções) de educação, pois trata-se de uma matéria, reconhecidamente, central em suas obras. Destarte, educação é a nossa categoria teórica principal.

Dos textos escolhidos de Brandão, selecionamos aquelas ideias que se repetiam e que se destacavam, revelando-se como características importantes e centrais do seu pensamento, constituindo-se como nossas categorias empíricas de análise ou temas centrais, que podem ser compreendidas como unidades de registro primárias para a análise qualitativa do conteúdo dos textos. Da mesma forma, Minayo (1994) afirma que os temas (na pesquisa qualitativa) são unidades de registros em torno da qual se realizam reflexões. Após definidas as categorias empíricas ou temas centrais dos textos, passamos a uma tarefa descritiva, interpretativa e dialógica dos conteúdos, pois trata-se de desenvolvermos uma análise crítica em diálogo com outros autores.

Desse modo, iniciamos cada bloco de análise com um pensamento-síntese ou expressão-chave do autor, retirado dos textos analisados. O nosso objetivo é realçar com trechos das ideias principais de Brandão as matizes de concepção de educação. Trata-se de uma estratégia de reconstrução textual, um artifício para ordenação dos nossos resultados. Assim, foram os seguintes temas centrais (ou categorias empíricas) advindos das análises textuais: 'educações'; 'sempre aprendemos uns com os outros'; 'uma antropologia participante'; 'liberdade, autonomia e esperança'; 'pesquisa participante'; 'diálogo: (re)construção do conhecimento ou construção de saberes'; 'pesquisa, conhecimento e tempo'; 'o sentido da palavra: direito de pronunciar o sentido do mundo'. A rigor, lembremos que esses temas centrais são a 'chave' para a compreensão dos sentidos da educação na ótica de compreensão do autor e a base para um diálogo com a saúde.

Resultados e discussão: Educações

O que chama a atenção nas obras de Carlos Rodrigues Brandão a respeito do tema educação, certamente, é a forma inédita como o autor emprega o referido termo, colocando-o no plural: 'educações'. Trata-se, pois, tanto de considerar

um modo de conceber as diversas experiências que os sujeitos, individual ou coletivamente, experimentam em seu dia a dia quanto de negar a possibilidade da existência de um único modo de educar. Nessa perspectiva, não existe um modelo dominante e homogêneo de conhecer – porque o autor reconhece que não existe um único contexto ou uma única cultura em que ela acontece. Assim, um dos sentidos preconizados por Brandão (1981) seria o de educação como uma categoria polimórfica e, portanto, repleta de sentidos.

“Ninguém escapa da educação” (Brandão, 1981, p. 7), afirma o autor. Ela permeia o cotidiano das pessoas, em tudo o que se faça a educação está presente: ela “existe misturada com a vida em momentos de trabalho, de lazer, de camaradagem ou de amor” (Brandão, 1981, p. 19). Ao introduzir a sua obra *O que é educação*, o autor reproduz um trecho da “carta dos índios” (Brandão, 1981, p. 8) aos governantes dos Estados Unidos. Nela, um dos chefes da tribo afirma que sábio é aquele que reconhece que diferentes nações possuem percepções diferenciadas das coisas. Ou seja, na carta, os índios (segmento que sofre opressão) asseguram que para cada ‘tribo’ há ensinamentos, culturas e hábitos diferentes. Nessa perspectiva, a educação do colonizador não serve para ser a educação do colonizado, pois aquela contribui para legitimação do domínio e da perpetuação da opressão.

Segundo Paulo Freire (1988), o oprimido somente se tornará sujeito por intermédio de uma ação política e cultural para a liberdade. Desse modo, faz-se necessária uma mudança qualitativa da percepção do mundo, o que implica uma apreensão crítica da realidade.

Para Brandão (1981), a educação é uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura. São formas de saberes que atravessam as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos das artes ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para se reinventar, todos os dias. Igualmente para Freire (2001), a prática educativa é uma prática social necessária, como o trabalho, a cultura e a religião. Dessa forma, para ambos os autores, a prática educativa, como a própria vida, gera diversas possibilidades de aprendizagens; porém, um fundamento importante dessa pedagogia é que ela não se sustenta em ideias abstratas, ela só tem sentido na história que os homens vivem. Portanto, na perspectiva da educação popular, o ponto de origem da prática pedagógica situa-se na própria realidade social. Deve-se partir sempre da realidade concreta da vida cotidiana das pessoas, respeitando-se suas diferenças e valores.

Sempre aprendemos uns com os outros

Certamente, para Brandão, uma dessas muitas formas de ver sentido na educação seria a ideia de respeito ao outro (coletivo e individual). Segundo

este autor, aprender é um ato coletivo: “aprendemos uns com os outros” (Brandão, 1985, p. 74), o que representa para ele uma forma distinta de educar, diferente da dominante. Veja-se ainda que existe um ângulo importante de entender o processo educativo como um processo dialético em que ensinar-e-aprender são partes de um único e mesmo trabalho de formação.

Na ótica de Brandão, a educação está para além de uma prática pedagógica de racionalidade instrumental, assim como preconiza Freire: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 22).

Para Brandão (2003), a razão de ser da educação não é apenas o ato de capacitar instrumentalmente produtores humanos, por meio da transferência de conhecimentos. A rigor, ela é o gesto de formar pessoas ‘na inteireza do seu ser’ e de sua vocação de criarem-se a si mesmas e partilharem com os outros a construção livre e responsável de seu próprio mundo social da vida cotidiana. Veja-se ainda que, para Brandão (2003), a educação não gera habilidades, ela cria conectividades, e o que há nelas de instrumental e utilitário é apenas a sua dimensão mais elementar: ela cria o alicerce para se construir toda a casa do saber, dos sentidos e de significados (Brandão, 2003).

Freire (1996), ao afirmar que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, afirma que a prática de ensinar criticamente, que envolve o pensar certo, também envolve um dinamismo dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Assim, a prática deve gerar a crítica, e a crítica deve ser capaz de transformar a prática. E o autor segue em outra obra dizendo que: “Ensinar é, sobretudo, tornar possível aos educandos que, epistemologicamente curiosos, vão se apropriando da significação profunda do objeto somente como, apreendendo-o, podem aprendê-lo” (Freire, 2001, p. 36).

Para Brandão, a educação também é troca e partilha. De fato, em suas obras, observa-se que tanto a ideia de trocar quanto a de partilhar conhecimento aparece como princípios para a realização da prática educativa (Brandão, 2006). Desse modo, a educação só é possível por meio da troca e da partilha de saberes, num movimento aberto às várias esferas do conhecimento, de modo a se gerar um novo saber, por intermédio de reconhecimento do outro como igual.

Decerto, Brandão chama a atenção para adotarmos uma espécie de ‘lupa’ ou lente de aumento para aquilo que os indivíduos e grupos fazem em seu cotidiano. Na compreensão do autor, existem formas distintas de educar e conotações de pluralidade a respeito do tema educação.

Uma antropologia participante

A antropologia, na visão do autor, contribui com algumas lições para a prática de pesquisa e da educação: escutar atentamente o outro, os silêncios;

compreender as entrelinhas; desvendar mistérios e compartilhar vidas. Poderíamos com isso afirmar que, na ótica de Brandão, trata-se de incorporarmos ao campo da educação um olhar mais atento ao humano, concedido com o auxílio da “pesquisa socioantropológica” (Brandão, 2003, p. 135), que atribui valor aos sentidos humanos. Na prática educativa, tais sentidos, como a escuta e o olhar, contribuem para o reconhecimento profundo do outro. Assim, a alteridade é outro importante aspecto dessa perspectiva da educação. Para Brandão (1987), a realidade do ‘outro’ é o que há de mais importante num processo de conhecimento e pesquisa. Deve-se priorizar as verdadeiras demandas dos (outros) sujeitos envolvidos, definindo-se, além disso, em colaboração – com eles – as ações e mudanças a serem realizadas.

Essas considerações nos reportam ao campo da saúde: sabe-se que as práticas de assistência na saúde pertencem a uma tradição de caráter autoritário, assim como afirma Vasconcelos (2001) a respeito do funcionamento da atenção em saúde nos parâmetros tradicionais. Para este autor, a atenção médica tradicional não é injusta apenas porque segrega os trabalhadores, mas também porque a sua racionalidade interna reforça e recria, no nível das suas microrrelações, as estruturas de dominação da sociedade. O biologicismo, o autoritarismo do doutor, o desprezo ao saber e à iniciativa do doente e de seus familiares são exemplos de alguns dos mecanismos que se deve procurar superar por intermédio da redefinição das práticas de saúde a partir da educação popular nos serviços de saúde. Pois, no geral, constata-se que a gestão nos serviços de saúde não leva em consideração as especificidades locais, as diferenças regionais, o contexto social, e ignoram-se os coletivos e a participação da população para a tomada de decisão.

Brandão (1982) afirma que educação popular não é o mesmo que educação informal. A educação popular não visa criar sujeitos subalternos educados, limpos e polidos, bebendo água fervida e comendo farinha de soja. O que condiz com a realidade dos fatos é que a educação popular é um modo de organização do trabalho político e educativo de sujeitos subalternos. Do índio e do trabalhador rural ao operário do ABC paulista, a educação popular contribui, passo a passo, para o processo de participação popular, abrindo caminho para a conquista de sua liberdade e de seus direitos (Vasconcelos, 2001; Brandão, 1982). Nessa vertente de educação, ou seja, da educação popular, prevalece um modo de agir pedagógico indispensável: trata-se das formas coletivas de aprendizado e de investigação que promovem o crescimento da capacidade de análise crítica sobre a realidade e o aperfeiçoamento das estratégias de luta (Brandão, 2006).

O ponto que agora queremos realçar é o sentido de ‘radicalidade’, presente em uma das obras de Brandão a respeito da educação popular no Brasil: *Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora* (Brandão e

Assumpção, 2009). Para os autores, a educação popular possibilita o fortalecimento do poder popular, por meio da construção de um saber de classe. A ideia de ‘radicalidade’ presente nessa publicação aparece no sentido de recuperar o significado histórico da educação popular “como resistência e oposição ao *status quo*, e ainda como construtora de uma Cultura Rebelde” (Brandão e Assumpção, 2009, p. 9). Nela, o trabalho do educador não se esgota na transferência de conhecimentos, que reproduz a dependência de um polo ao outro, mas na possibilidade da produção autônoma desse saber. Trata-se de uma interação pedagógica simétrica e democrática. Por essa concepção, o processo de construção do conhecimento cria possibilidades para os sujeitos se compreenderem como em constante aprendizado e se assumirem responsáveis por ações que garantam atitudes e vozes.

Liberdade, autonomia e esperança

Para Brandão, a educação é um acontecimento que se recria a cada dia e deve, em qualquer circunstância, “aspirar a ser livre e inovadora” (Brandão, 1985, p. 78). No entanto, acaba afinal tendo que ser tradição de conteúdo e método arbitrário. Torna-se formal e substitui o saber humanizante da comunidade pelo saber instrumental do sistema. Assim, criam-se mecanismos e instrumentos de controle do trabalho e da vida de alguns homens sobre os outros. Para o autor, as práticas educativas devem voltar-se para outra direção, destacando-se duas importantes dimensões do trabalho pedagógico: a de responder pela criação autônoma das ideias, experiências, iniciativas e métodos de participação de práticas educacionais; e a de responder pelo trabalho político de luta na educação. Complementarmente, Paulo Freire (1996) afirma que, na construção da autonomia, a liberdade vai preenchendo o espaço antes habitado por sua dependência. A autonomia se funda na responsabilidade que vai sendo assumida. Para Freire (1996), o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdade, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.

Veja-se ainda que, segundo Brandão (1985), a educação viva e libertária está sendo praticada pelas periferias de cidades e bairros rurais e precisa ser conhecida. Sobre essa base de compreensão, apresentamos mais um sentido de educação presente nas obras de Brandão, o de ‘esperança’:

Esta é a esperança que se pode ter na educação (...) acreditar que o ato humano de educar existe tanto no trabalho pedagógico que ensina na escola, quanto no ato político que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo. E é bem possível que até mesmo neste ‘outro mundo’ – um reino de liberdade e

igualdade buscado pelo educador – a educação continue sendo movimento e ordem, sistema e contestação (...) e o direito de sacudir e questionar tudo o que está sendo consagrado (Brandão, 1981, p. 110).

Para Paulo Freire (2006), a esperança é também um aspecto central da educação. Ele assegura que não há sonho sem esperança e que o sonho é um dos motores da história e da utopia. Freire refere-se ao sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social e ideológica que nos condenam à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo de maneira permanente na história, que fazemos e que nos faz e refaz.

Pesquisa participante

Nas obras de Brandão, o tema da pesquisa participante é reconhecida-mente central. Estão publicados no Brasil três compêndios (organizados por ele) com este mesmo título: *Pesquisa participante* (Brandão, 1984; Brandão, 1987; Brandão e Streck, 2006). Neles, há diversos artigos escritos por outros autores que trabalham também com pesquisa e produção de conhecimento na vertente da investigação participativa.

Para Brandão e Streck (2006), a pesquisa participante deve ser compreendida como um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência das ações que aspiram a gerar transformações a partir também desses conhecimentos. Experiências que sonham substituir o antigo monótono eixo pesquisador/pesquisado, conhecedor/conhecido, cientista/cientificado pela aventura perigosa, mas historicamente urgente e inevitável, da criação de redes, teias e tramas formadas por diferentes categorias entre iguais/diferentes sabedores solidários do que de fato importa saber.

Uma múltipla teia de e entre pessoas que, ao invés de estabelecer hierarquias de acordo com padrões consagrados de ideias preconcebidas sobre o conhecimento e seu valor, as envolva em um mesmo amplo exercício de construir saberes a partir da ideia tão simples e tão esquecida de que qualquer ser humano é, em si mesmo e por si mesmo, uma fonte original e insubstituível de saber (Brandão e Streck, 2006, p. 12-13).

No entender de Brandão (2003), a experiência de pesquisa é bem mais abrangente e diferenciada do que em geral se descreve e se classifica nos livros sobre o assunto. O autor defende o pressuposto de que as linhas de

demarcação entre o 'legítimo' e o 'ilegítimo', entre o 'válido' e o 'não válido', entre o 'confiável' e o 'não confiável' são bem mais complexas, mais fecundamente interativas e, ao mesmo tempo, bem menos rígidas do que em geral se afirma (Brandão, 2003). O autor questiona o paradigma de modelos únicos e rígidos da prática científica. Daí espera-se que surja um novo conhecimento que possibilite transformar tanto os sujeitos implicados no processo quanto a realidade dos problemas (Brandão e Streck, 2006).

Segundo Brandão (2003), uma investigação científica é aparentemente um exercício solitário; seu sujeito de criação envolve todos os que dialogam a seu respeito. Também por esta razão, a menor unidade de um trabalho de pesquisa não deve ser o indivíduo, mas a equipe direta ou indireta de que ele faz parte, e que dá por meio desse pertencer o primeiro sinal de sentido à sua própria prática como pessoa e como educador. Para além dela, o 'outro' é também propriamente aquele que está 'do outro lado' de meu lugar cultural e do de minha equipe. É aquele em que tradicionalmente eu investigo e de quem, por algum motivo, eu posso me servir como 'objeto'. Seja ele um objeto da "minha pesquisa", seja da "minha carreira", o autor afirma ainda que "em qualquer dimensão de nosso horizonte de vida e de trabalho em que a pessoa de um alguém seja visível e dialogável, é a ela que a pesquisa, a educação e nós devemos servir" (Brandão, 2003, p. 18).

Convém, nesse ponto, fazer referência a uma experiência, da qual o próprio Carlos Rodrigues Brandão fez parte, que foi publicada como capítulo de livro, com o título de "O meio grito" (Brandão, 1984). Trata-se de um estudo, com o enfoque da pesquisa participante e da metodologia da educação popular, a respeito dos problemas de saúde da população rural de Goiás, ocorrida nos anos de 1978 e 1979. Das conclusões a que chegou o autor, sobressai a ideia de acordo com a qual a experiência da participação popular nas pesquisas em saúde pode contribuir para se romper o silêncio de pessoas. De acordo com os participantes da pesquisa, o somatório de 'meios gritos' vai suscitar um 'grito inteiro' e vigoroso, gerando-se atitudes concretas de reivindicação e de mudança na realidade.

Diálogo: (re)construção do conhecimento ou construção de saberes

Para Brandão e Streck (2006), a palavra 'diálogo' é um conceito fundamental. O diálogo é o fundamento de qualquer interação humana; ele permite o enriquecimento cultural, a troca e a partilha de ideias. Os autores afirmam que o diálogo é mais que uma ferramenta pedagógica: ele está automaticamente posto nos processos de interação dos sujeitos, e por ele, através dele, é possível a (re)construção de conhecimento. Ressaltam que "é do constante diálogo não doutrinário de parte a parte que um consenso sempre dinâmico e modificável deve ir sendo construído" (Brandão e Streck, 2006, p. 43).

Assim, constatamos nas obras de Brandão um ponto de vista da pesquisa antropológica e que confere sentido à dialogicidade no processo de pesquisa na seguinte afirmação: “A matriz de toda a vivência pedagógica deve ser o diálogo” (Brandão, 2003, p. 136). E mais: acrescenta a ideia de que a construção de saberes é possível pela prática contínua do diálogo. Isso equivale a sair da racionalidade tradicional pedagógica de transferência de “conhecimentos conhecidos” para uma procura ativa e recíproca de “conhecimentos a conhecer”, o que representa nos termos de Brandão uma nova postura educativa de “criação de saberes” (Brandão, 2003, p. 166). Complementarmente, transcrevemos mais um significado de Brandão a respeito da educação:

A educação é uma experiência socialmente perene e pessoalmente permanente de cada um de seus sujeitos: pessoas e povos. Sendo assim, seu sentido é mais o de recriar continuamente comunidades geradoras de saberes, que devem estar abertas ao diálogo e à intercomunicação (...) a educação cria conectividades (Brandão, 2003, p. 21).

Uma categoria também digna de nota na formulação de pesquisa participante do autor é a de ‘participação’. Para Brandão, ‘participação’ e ‘participar’ são palavras que traduzem a possibilidade do envolvimento do trabalho popular na produção de conhecimento sobre a condição da vida do povo. Homens e mulheres de comunidades populares são convocados a serem ‘sujeitos’ das pesquisas de que eram antes o ‘objeto’ de estudo (Brandão, 1987).

A propósito, Valla (2000) acrescenta que embora o termo participação popular seja hoje utilizado universalmente, sua aplicação tem um significado especial para a América Latina. A própria ideia de uma participação ‘popular’ surge, justamente, para se distinguir de outra concepção de sociedade, em que quem tem estudo e recursos aponta o caminho ‘correto’ para as classes populares. A ambiguidade do termo não vem somente das várias interpretações que poderiam resultar do seu uso, mas também do fato de que a tradição autoritária da América Latina, e do Brasil, contamina tanto os grupos conservadores como também frequentemente os progressistas. Há uma busca de controle das populações que moram nas periferias dos grandes centros e trabalham e moram nas áreas rurais. Controle com a finalidade de pôr em prática suas concepções de como deve ser a sociedade brasileira.

Neste ponto, cabe destacar a combinação entre os estilos participativos de investigação e a ação de caráter educativo. Segundo Brandão, trata-se com esta conjunção de se colocar em prática uma teoria do conhecimento que tenha como dimensão principal a natureza dialógica da produção do

saber, um saber organizado a partir de situações de reconhecimento entre os sujeitos envolvidos (Brandão, 1984). Lembremos que, para Freire (1985), a educação é sempre uma teoria do conhecimento que se põe em prática. Ele formula, a respeito deste tema, a seguinte indagação: “Será que é possível que, de um lado, o educador e, do outro, os educandos podem se encontrar numa sala, ou debaixo de uma árvore, não importa, sem que esteja em jogo algo a se conhecer?” (Freire, 1985, p. 95). E responde que “não é possível”. Trata-se, para este autor, de uma característica da natureza epistemológica da educação: produzir, invariavelmente, conhecimento por intermédio da prática, com base em uma determinada teoria.

Voltemo-nos mais uma vez para a concepção de pesquisa participante de Brandão. Ao examinarmos os textos referentes a este assunto (Brandão, 1984, 1987; Brandão e Streck, 2006), verifica-se que neles os sentidos de pesquisar e educar estão entrelaçados como um movimento único e dialético que visa, ao fim, à transformação de uma situação.

Vejam, então, as experiências de pesquisa participante ou de pesquisa-ação na saúde, como o estudo de Vasconcelos (1998), que confirma a possibilidade de êxito ao se adotar esse aporte teórico-metodológico como estratégia pedagógica de trabalho em comunidades e avalia que

O processo de pesquisa-ação não apenas gerou novos conhecimentos, como também constituiu novos instrumentos de intervenção terapêutica em que a abordagem coletiva era priorizada. Tais instrumentos de intervenção foram gestados já em acordo com os interesses e peculiaridades dos atores locais. Resultou ainda na constituição de novos agentes terapêuticos (profissionais ou não) e no fortalecimento de outros (Vasconcelos, 1998, p. 46).

A rigor, poderíamos afirmar com Thiollent (2006) que as modalidades de pesquisa participante ou de pesquisa-ação têm como um de seus propósitos a emancipação. Para o autor, emancipação é o contrário de dependência, submissão, dominação e falta de perspectiva. Desse modo, a emancipação representa um movimento de caráter coletivo e compartilhável e tem como prerrogativa, na perspectiva da pesquisa participante, se realizar com membros de classes populares.

Pesquisa, conhecimento e tempo

Distingue-se nessa relação entre pesquisa, diálogo, conhecimento e participação um fator que, hoje, se faz muito importante: o tempo. Brandão, numa entrevista, faz uma crítica muito atual sobre a lógica imediatista de pesquisa predominante nas instituições universitárias e a exigência prevalente de agilidade na produção acadêmica. Desse modo, reafirma preceitos

necessários à produção de conhecimento no âmbito das ciências sociais e particularmente da antropologia:

Fui e sou de um tempo em que uma pesquisa de campo de quatro meses era muito ‘curta’. E volta e meia me vejo em bancas de tese em que a futura doutora confessa que deu conta de seu ‘campo’ com quatro idas de fim de semana. Estar ali, ser não apenas um pesquisador em busca de informantes, mas uma testemunha de tempos, pessoas, culturas e memórias, em busca de aprendizados densos e difíceis. Em busca da substância de vidas e de seus mistérios, contradições, misérias, generosidades e conflitos (Lima e Rodrigues, 2007, p. 148).

Ao se examinar esse texto percebe-se um desconforto do autor a respeito da obrigação da ‘produção intelectual acelerada’, pois a perspectiva de pesquisa participante e a ação educativa seriam incompatíveis com a exigência da lógica de produção numérica e de resultados rápidos. Constatamos que Brandão, em seus textos, desenvolve o argumento de que as práticas de pesquisa e educação devem empenhar-se por ‘ouvir o outro’ e ‘interagir’ nas pesquisas. Nas suas próprias palavras, “uma pesquisa é ‘participante’ não porque atores sociais populares participam como coadjuvantes dela, mas sim porque ela se projeta, porque realiza desdobres através da participação ativa e crescente desses atores” (Brandão, 2006, p. 31). Depreende-se daí uma noção de processo de pesquisa que só é possível com certo tempo para que esse ‘interagir’ aconteça. De acordo com Brandão (2003), é fato que existem diferenças internas nas ciências e que as ciências sociais e humanas não se caracterizam pela existência de um paradigma único, pois, naturalmente, a realidade tem dimensões diversas e qualitativamente diferentes. Portanto, na linha de compreensão do autor, é imprescindível o respeito pela pluralidade de abordagens, pelos tempos apropriados e pelos métodos das diferentes tradições de pesquisa.

O sentido da palavra: direito de pronunciar o sentido do mundo

Para Brandão, a matéria principal do educador é a palavra. Afinal, “que outro é o desafio da educação popular senão o de reverter, no mistério do saber coletivo, o sentido da palavra e seu poder?” (Brandão, 2006, p. 10). A palavra é um ato de poder, o que equivale a afirmar que ela não é apenas um entre os seus outros símbolos, mas o seu exercício. O direito de falar e ser ouvido é o ofício do senhor. Os súditos calam ou repetem a palavra que ouvem, fazendo seu o mundo do outro. Porque a diferença entre um e outros está em que o primeiro detém a posse do direito de pronunciar o sentido do mundo e, por isso, o direito de ditar a ordem do mundo social.

No livro *Pedagogia do oprimido*, Freire (1988) afirma que a palavra é entendida como ação, ela é dinâmica e não uma categoria inerte. De acordo com esse autor, pronunciar a palavra requer 'bravura', pois ela é portadora da reconstrução crítica do mundo humano, da abertura de novos caminhos e do projeto histórico de um mundo comum.

Segundo Brandão, a palavra deve ser pensada como poesia e pensamento da vida coletiva pela experiência da solidariedade. No seu entender, a palavra está aprisionada por um poder separado da vida; por isso, é imposta e dada como legítima para realizar os atos do controle da vida social dominada pela desigualdade. Para Brandão (2006), a palavra, principalmente escrita, é como selo que pode circular como saber, crença, ideia, valor e código. Estabelece sobre o seu exercício o silêncio do outro (Brandão e Streck, 2006). É curiosa a forma como Brandão refere-se ao 'silêncio'. De acordo com este autor, "o silêncio é fértil e é através dele que um verdadeiro diálogo é possível, tanto quanto através da palavra" (Brandão, 2003, p. 208). Silenciar, nessa perspectiva, significa 'se abrir a ouvir', pois enquanto se silencia, 'a boca e o coração', pode-se ouvir o outro e as palavras de quem fala.

Consideremos agora o campo da saúde. *Grosso modo*, percebe-se uma hegemonia da prática política excludente: em geral, os programas são formulados sem diálogo, para o outro e não com o outro (Vasconcelos, 1998, 2001). Na linha de compreensão de Brandão, dever-se-ia sempre levar em consideração cada grupo, indivíduo e comunidade e suas especificidades. Assim, pela ótica do autor, a mudança e a quebra de paradigmas, tanto na educação quanto na saúde, estão situadas em um horizonte distante. Destarte, a respeito desse assunto, mais uma vez Brandão (2006) lança mão do exemplo de outras sociedades e de outras formas de educação, dizendo que nas sociedades tribais as decisões são tomadas por meio de consenso. Ou seja, todos participam do processo decisório e todos têm direito à fala; todas as opiniões são levadas em consideração. Apesar de parecer ingênuo, o fato é que, para o autor, as sociedades que são estruturadas de modo participativo devem ser tomadas como referência para que se possibilite um 'consenso solidário'; e ele afirma que isso não quer dizer que não haja conflito, mas que ao final reina o 'poder pelo consenso'.

O cenário das sociedades tribais, para Brandão (2006), é obviamente diferente de uma sociedade complexa como a nossa. Seja como for, o autor destaca uma característica marcante em nosso modo de vida que é a desigualdade. Existimos dentro de um mundo social onde senhores do poder, por meio do Estado, decidem e definem para os 'outros' (para nós) o que querem que seja a relação entre eles e os 'outros' (nós). Vivemos em uma sociedade onde um Estado de democracia restrita não é o lugar coletivo do

poder consensual de criar direitos, de criar por consenso as normas da vida coletiva, mas apenas é o lugar de obedecer a eles.

Cabe-nos, a esse respeito, uma observação fundamental ao campo da educação e saúde, como práticas interfacetadas, e nele afirmar uma concepção pela tradição da educação popular, de indivíduo como ser portador de uma visão de mundo autônoma e espontânea. Para Freire (1996), uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de se assumir. Assumir-se como ser social, histórico, comunicante e transformador.

Complementarmente, apresentamos mais uma acepção de educação de Brandão (2003), desta vez afirmando o seu sentido pelo reconhecimento dos sujeitos da educação, ou seja, os educandos. Assim, a educação é:

Prática social destinada a gerar interações de criação do saber através de aprendizagens, em que o diálogo livre e solidário é a origem e o destino do que se vive e do que se aprende, a educação deve começar por tornar os educandos, progressivamente, co-autores dos fundamentos dos processos pedagógicos e de construção das finalidades do próprio aprendizado. Pela mesma razão, a educação deve formar pessoas livres e criativas o bastante para se reconhecerem co-responsáveis pelas suas próprias escolhas (Brandão, 2003, p. 22).

Com base nessas considerações, parece acertado afirmar que necessitamos desenvolver estudos e intervenções em saúde com a contribuição de um aporte interdisciplinar, lançando mão dos campos da antropologia e da educação popular, entre outros. O ponto que pretendemos realçar agora é o das relações entre profissionais da saúde e a população. A respeito deste tema, convém lembrar as ideias de Brandão e de Freire no que se refere à ‘troca de papéis’ entre os polos do processo educativo. Com isso, deve-se permitir que o educando ensine ao educador seu modo de vida, e o educador, de posse das acepções do outro, possa juntamente a este construir um saber, um conhecimento diferenciado que comporte as reais necessidades desse indivíduo ou grupo, enfim, do outro (Brandão, 2003; Freire, 2001).

Sobre esse ‘outro popular’, Vasconcelos afirma: “Uma grande parte das práticas de educação popular nos serviços de saúde está hoje voltada para a superação do fosso cultural existente entre a instituição e a população, pois um lado não compreende a lógica e as atitudes do outro” (Vasconcelos, 1998, p. 41). De acordo com Stotz (2001), os sistemas médicos precisam aprender a pensar os indivíduos doentes e suas relações, contextos, representações. Trata-se, para Stotz (2001), ao fim, de se construir uma lógica radicalmente diversa de conceber a saúde e a doença, bem como de organizar os serviços de atenção à saúde. Mais ainda, temos de empenhar-nos em

um compromisso que implica envolver-se com a vida das pessoas e, nesse sentido, com a mudança das condições propiciadoras de doenças.

Considerações finais

Os sentidos que Carlos Rodrigues Brandão nos traz a respeito da educação apresenta originalidade no que se refere à diversidade de compreensão. O autor nos apresenta uma variedade de significados, flexionando o termo educação para o plural – educações. Constatamos que essa forma própria de interpretá-la é coerente com a sua visão (democrática) de mundo e com o campo de conhecimento em que se insere, a antropologia. Vimos que ideias como transformação, troca, participação, liberdade, alteridade, interação, esperança, aprendizado coletivo, autonomia e diálogo, presentes em seus textos, formam um todo uníssono, harmônico e lógico em relação às finalidades do processo educativo que deve buscar ‘o primado da solidariedade e da igualdade’. Verificamos neste estudo a afirmação de valores de base humanista.

Outro ponto que queremos realçar é o modo como Brandão situa a educação em relação ao processo de pesquisa, bem representado pela ideia: “tingido com várias cores, tecido com vários fios” (Brandão, 2003, p. 67). Um ponto de convergência em seus textos é a dimensão interativa e participativa da prática de pesquisa pedagógica. Daí depreende-se também que o diálogo é um pressuposto aos processos educativos, pois se apoia em relações livres. Também fica clara a necessidade da integração dos sujeitos que participam do processo educativo, a fim de que todos possam trocar experiências entre si, reconstruindo o saber e aprendendo mutuamente. Constatamos ainda um ângulo importante de entender o processo educativo como um processo dialético em que ensinar-e-aprender são partes de um único e mesmo trabalho de formação. Naturalmente, o diálogo é mais que uma ferramenta pedagógica; está automaticamente posto nos processos de interação dos sujeitos, e por ele é possível a (re)construção de conhecimento.

Outra característica digna de nota nas obras de Brandão é a importância da aproximação entre ciência e literatura, como nas suas próprias palavras: “A literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor, que ela sabe algo das coisas – que sabe muito dos homens” (Lima e Rodrigues, 2007, p. 146). De fato, na maioria de seus textos, encontramos um estilo de redação de fácil compreensão e que ‘prende’ o leitor com exemplos do cotidiano da vida e casos pessoais. Encontramos textos de Brandão que têm movimento e vivacidade, pois embora desenvolvam teoricamente os assuntos, são pautados em problemas concretos, relacionados à prática numa perspectiva dialética de interpretação do real (Brandão, 1987, 2003, 2006).

Durante o exame das obras de Brandão, verificamos um fundamento importante da concepção de educação que deve servir como base para práticas de saúde: trata-se da ideia de que as ações pedagógicas só têm sentido na história que os homens vivem. Portanto, ela situa-se na própria realidade social. De acordo com o autor, deve-se partir sempre da realidade concreta da vida cotidiana das pessoas, respeitando-se suas diferenças e valores. Brandão (2003) desenvolve ainda o argumento de que pesquisar e educar estão entrelaçados como um movimento único e dialético que visa, ao fim, à transformação de uma situação.

Não podemos deixar de mencionar que em nossa pesquisa encontramos uma significativa produção da rede de educação popular em saúde como uma importante referência, que se estrutura nas instituições de saúde no Brasil e lança mão do pensamento educacional de Brandão, ampliando as suas possibilidades e abrangência teórica no confronto com os problemas da vida real.

Por fim, cabe destacarmos a similaridade das ideias de Brandão com o pensamento de Freire, matéria que poderá ser aprofundada em novos estudos. Pois, embora cientes das diferenças de contextos sócio-históricos e das particularidades de cada obra aqui mencionada desses autores, constata-se a existência de um núcleo de sentido comum para ambos: a educação é seguramente um processo essencialmente libertador e que se realiza por meio do respeito à cultura popular. Brandão (1996, p. 706) afirma que devemos ser “criadores de espíritos”. Trata-se de criarmos condições para estarmos pondo fraternalmente à prova a nossa própria capacidade de criar e de ousar: “Fertilizando o inusitado” (Brandão, 1996, p. 706). Assim podemos contribuir para a reflexão de práticas pedagógicas de saúde que promovam valores como: partilha, emancipação e autonomia.

Colaboradores

Aline Almeida da Silva realizou a proposta do estudo, participou da redação, do levantamento e da análise dos dados; Kátia Reis de Souza orientou a pesquisa, contribuiu com a redação, a análise e a discussão dos dados do artigo.

Resumen Este artículo tiene como objetivo analizar las obras del autor brasileño Carlos Rodrigues Brandão, relacionadas al campo de la educación y de la investigación participante, destacando sus premisas teóricas y estableciendo relaciones con el campo de la salud. Se realizó una investigación de carácter cualitativo y de tipo exploratorio-descriptivo, adoptando la investigación bibliográfica como procedimiento metodológico. “Educación” fue la categoría teórica principal. Además, se obtuvieron las siguientes categorías empíricas surgidas de los análisis textuales: “educaciones”; “siempre aprendemos unos con otros”; “una antropología participante”; “libertad, autonomía y esperanza”; “investigación participante”; “diálogo: (re)construcción del conocimiento o construcción de saberes”; “investigación, conocimiento y tiempo”; “el sentido de la palabra: derecho de pronunciar el sentido del mundo”. Se verificaron fundamentos importantes de una concepción crítica de educación que pueden contribuir como base para prácticas democráticas de salud como, por ejemplo, la idea de “diálogo” como piedra angular pedagógica, que permite procesos de interacción de individuos y la construcción social del conocimiento.

Palabras clave Carlos Rodrigues Brandão; educación y antropología; educación y salud; investigación participante.

Notas

¹ Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Especialista em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz. <aline.enfa@yahoo.com.br>
Correspondência: Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil, CPA 5.2, Divisão de Vigilância em Saúde, Rua Professor Gonçalves, 41, Campo Grande, CEP 28080-010, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
Doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz. <katreis@ensp.fiocruz.br>

³ Relatamos neste artigo parte do estudo realizado na monografia intitulada *A educação e seus sentidos: compreendendo educação e saúde sob a ótica do autor Carlos Rodrigues Brandão* (Silva, 2011), desenvolvida no âmbito do Curso de Especialização em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz).

Referências

- BAUER, Martin; AARTS, Bas. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 39-63.
- BRANDÃO, Carlos R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRANDÃO, Carlos R. *Lutar com a palavra*: escritos sobre o trabalho do educador. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- BRANDÃO, Carlos R. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRANDÃO, Carlos R. Refletir, discutir, propor: as dimensões de militância intelectual que há no educador. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 71-87.
- BRANDÃO, Carlos R. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRANDÃO, Carlos R. Fertilizador do inusitado. In: GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Unesco, 1996. p. 706.
- BRANDÃO, Carlos R. *A pergunta a várias mãos*: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRANDÃO, Carlos R. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRANDÃO, Carlos R.; STRECK, Danilo R. (Org.). *Pesquisa participante: o saber da partilha*. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.
- BRANDÃO, Carlos R.; ASSUMPÇÃO, Raiane. *Cultura rebelde*: escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.
- BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Plataforma Lattes, base de dados de currículos das áreas de ciência e tecnologia*. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7721657000564411>>. Acesso em: 16 nov. 2011.
- FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 89-101.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 244- 270.
- LIMA, Roberto; RODRIGUES, Cintya M. C. Uma antropologia militante: entrevista com Carlos Rodrigues Brandão. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 145-149, 2007.
- LIMA, Telma C. S.; MIOTO, Regina C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálisis*, Florianópolis, v. 10, p. 37- 45, 2007.
- MINAYO, Maria C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco; 1994.
- SALVADOR, Angelo D. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre: Sulina, 1986.
- SEVERINO, Antonio J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 1996.

- SILVA, Aline A. *A educação e seus sentidos: compreendendo educação e saúde sob a ótica do autor Carlos Rodrigues Brandão*. 2011. 41f. Monografia (Especialização em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.
- STOTZ, Eduardo. A cultura e o saber: linhas cruzadas, pontos de fuga. In: VASCONCELOS, Eymard M. (Org.). *A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede educação popular e saúde*. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 27-29.
- THIOLLENT, Michel. A inserção da pesquisa-ação no contexto da extensão universitária. In: BRANDÃO Carlos R.; STRECK Danilo R. (Org.). *Pesquisa participante: o saber da partilha*. São Paulo: Ideias & Letras, 2006. p. 151-166.
- VALLA, Victor V. Redes sociais, poder e saúde à luz das classes populares numa conjuntura de crise. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu*, v. 4, n. 7, p. 37-56, 2000.
- VASCONCELOS, Eymard M. Educação Popular como instrumento de reorientação das estratégias de controle das doenças infecciosas e parasitárias. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 2, p. 39-57, 1998.
- VASCONCELOS, Eymard M. Redefinindo as práticas de saúde a partir de experiências de Educação Popular nos serviços de saúde. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu*, v. 5, n. 8, p. 121-126, 2001.

Recebido em 20/07/2012

Aprovado em 01/02/2014